



ARTIGO ORIGINAL

OFICINAS PARA A PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS: PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES WORKSHOPS FOR THE PREVENTION OF DRUG USE: PERCEPTION OF ADOLESCENTS TALLERES PARA LA PREVENCIÓN DEL USO DE DROGAS: PERCEPCIÓN DE ADOLESCENTES

Natalia Andrade Martins¹, Ana Luzia Araújo Medeiros da Silva², Laura Cristhiane Mendonça Rezende Chaves³, Adrielle Rodrigues dos Santos⁴, Selene Cordeiro Vasconcelos⁵, Tatiane Gomes Guedes⁶, Iracema da Silva Frazão⁷

RESUMO

Objetivo: avaliar oficinas educativas para a prevenção do uso de drogas na ótica dos adolescentes. **Método:** trata-se de estudo qualitativo, transversal, com adolescentes do Ensino Médio por meio de entrevistas, transcritas e processadas no software IRAMUTEQ utilizando-se, para a análise, a classificação hierárquica descendente e a nuvem de palavras. Apresentaram-se os resultados em forma de figuras e depoimentos. **Resultados:** analisaram-se 18 entrevistas, das quais, a partir da classificação hierárquica descendente, emergiram duas categorias para discussão: "O que a gente achou: avaliação da metodologia" e "O que a gente quer saber: avaliação dos conteúdos abordados". Informa-se que, na nuvem de palavras, as palavras mais frequentes foram "não", "mais" e "droga". **Conclusão:** tornam-se necessários uma maior discussão e o aprofundamento por parte dos profissionais que estão na ponta dos serviços de saúde e educação para que estes possam realizar atividades baseadas em metodologias ativas em seus locais de atuação, relacionadas à prevenção do uso de drogas, para que os adolescentes efetivamente sejam partícipes do processo educativo na temática, considerando o seu contexto e experiências. **Descritores:** Adolescente; Educação em Saúde; Ensino Médio; Software; Saúde Pública; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to evaluate educational workshops for the prevention of drug use from the perspective of adolescents. **Method:** this is qualitative study, cross-sectional, with high school adolescents through interviews, transcribed and processed in the IRAMUTEQ software using for analysis the descending hierarchical classification and the generated word cloud. The results were presented in the form of figures and statements. **Results:** 18 interviews were analyzed, from which, from the descending hierarchical classification, two categories emerged for discussion: "What we found: methodology evaluation" and "What we want to know: evaluation of the content addressed". It is reported that, in the word cloud, the most frequent words were "no", "more" and "drug". **Conclusion:** a greater discussion and deepening on the part of the professionals who are at the end of the services of health and education are necessary so that these can carry out activities based on active methodologies in their places of action, related to the prevention of the use of drugs, so that adolescents are effectively involved in the educational process on the subject, considering their context and experiences. **Descriptors:** Adolescent; Health Education; High School; Software; Public Health; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: evaluar talleres educativos para la prevención del uso de drogas en la óptica de los adolescentes. **Método:** se trata de un estudio cualitativo, transversal, realizado con adolescentes de la secundaria por medio de entrevistas, transcritas y procesadas en el software IRAMUTEQ utilizando, para el análisis, la clasificación jerárquica descendente y la nube de palabras. Se presentaron los resultados en forma de figuras y testimonios. **Resultados:** se analizaron 18 entrevistas, de las cuales, a partir de la clasificación jerárquica descendente, emergieron dos categorías para discusión: "Lo que la gente encontró: evaluación de la metodología" y "Lo que la gente quiere saber: evaluación de los contenidos abordados". Se dice que, en la nube de palabras, las palabras más frecuentes fueron "no", "más" y "droga". **Conclusión:** se hace necesaria una mayor discusión y la profundización por parte de los profesionales que están en la punta de los servicios de salud y educación para que éstos puedan realizar actividades basadas en metodologías activas en sus locales de actuación, relacionadas a la prevención del uso de drogas, para que los adolescentes efectivamente sean partícipes del proceso educativo en la temática, considerando su contexto y experiencias. **Descriptor:** Adolescente; Educación en Salud; Educación Secundaria; Software; Salud Pública; Enfermería.

^{1,2,3,4,6,7}Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Recife (PE), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6311-5855> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7054-03188> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6835-265X> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1434-7163> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7149-2290> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4690-3753> E-mail: tatiguedes@yahoo.com.br ⁵Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8828-1251>

Como citar este artigo

Martins NA, Silva ALAM da, Chaves LCMR, Santos AR dos, Vasconcelos SC, Guedes TG, et al. Oficinas para a prevenção do uso de drogas: percepção de adolescentes. Rev enferm UFPE on line. 2019;13:e239580 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.239580>

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a adolescência, período dos 10 aos 19 anos de idade, é transitório, regado de novas experiências, tentativas, erros, acertos, exploração, a busca pela identidade e pela sua representação no mundo.¹ Surgem-se, nesse contexto, os vários questionamentos do mundo adulto que estará por vir, as perspectivas de futuro e trabalho, o início da vida sexual, o desenvolvimento da sexualidade e o autoconhecimento, os quais são observados como um momento de experimentação, inserção em grupos, de conhecer limites e de interação social, fazendo parte então da gama de processos que envolvem o desenvolvimento desse sujeito.

Acrescenta-se, de acordo com a literatura, que os descobrimentos e novas experiências, principalmente relacionados à saúde sexual e reprodutiva, drogas e dependência química, estão entre os temas de maior interesse entre os adolescentes, no entanto, ainda são assuntos pouco explorados na escola e na educação familiar.²⁻⁵ Tem-se iniciado a atividade sexual precocemente, associada à falta de conhecimento sobre sexualidade e métodos contraceptivos, ocasionando maior frequência de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e de casos de gravidez indesejada.⁷⁻⁸ Informa-se que, em 2013, na América Latina, ocorreram, aproximadamente, dez novos casos de infecção por vírus da imunodeficiência humana (HIV) a cada hora, sendo o Brasil responsável por 47% deles.³ Alerta-se que, embora seja um tema atual e bastante relevante, nem todos os profissionais de saúde e professores da rede escolar estão preparados para abordá-lo dentro da sala de aula, seja por tabu, religiosidade ou falta de conhecimento.

Evidenciou-se, em estudo realizado em escolas de Ensino Médio particulares e públicas de São Paulo, que, na escola pública, 78% dos alunos disseram conhecer alguma DST, enquanto que, na particular, 100% tinham conhecimento, e também, na escola particular, foi perceptível a maior diversidade de DST's conhecidas; com relação às formas de transmissão das DST's, os alunos de escola particular tinham mais conhecimento quanto à diversidade existente.⁷ Considera-se a educação como estratégia transformadora, principalmente, em populações mais carentes.

Percebe-se, embora o Estatuto da Criança e do Adolescente, no seu art. 81, proíba a venda de qualquer tipo de bebida alcoólica para menores de 18 anos, que é crescente o número de adolescentes que iniciam o uso precocemente.⁹ Destaca-se, dentre as drogas mais consumidas, o álcool, e os motivos da iniciação precoce variam de curiosidade, influência familiar, tédio e confusão de copo, e, como motivos para continuar o uso, estão a aceitação social por pares/grupos, o

alívio da fome e dor, a fuga da realidade e o prazer. Vê-se o uso da droga como solução e não como problema. Detalha-se que os problemas e as consequências do uso têm influência, a depender do contexto de vida de cada adolescente: influência familiar, sexo, motivação para o uso, local de uso, dentre outros.⁵⁻¹⁰ Relata-se e demonstra-se conhecimento, com relação aos riscos do uso e abuso de drogas, pela maioria dos adolescentes, entretanto, alguns não sabem discorrer sobre.¹¹

Institui-se, em 2007, pelo Decreto 6.286, o Programa Saúde na Escola (PSE), que tem como objetivo realizar ações permanentes de educação e saúde, articulando, assim, as ações da rede pública de saúde com a rede pública de educação básica, vendo a escola como um espaço para o desenvolvimento crítico e político.¹²

Conta-se, pelo Programa Saúde na Escola, com a articulação das equipes do Saúde da Família (eSF), que tem como atribuições realizar o mapeamento da área de atuação e avaliar as condições de saúde em todos os espaços comunitários. Acredita-se que cabe então, tanto aos profissionais de saúde quanto aos educadores, a sensibilização para a promoção do conhecimento e das discussões e, diante do exposto, é perceptível a necessidade de intervenções educativas. Tem-se, como papel da Enfermagem, a educação em saúde, bem como sua promoção e prevenção, e, junto à comunidade, exercer ações e projetos educativos, com o intuito de dar autonomia ao sujeito, faz com que esse seja o autor e protagonista do seu cuidado nos diversos cenários da saúde.¹³⁻⁴

Torna-se, diante do evidenciado, a visão dos adolescentes sobre as práticas educacionais nas escolas importante, pois são eles os detentores das dúvidas e que vivenciam as ações escolares no dia a dia, podendo então contribuir na construção de ações e intervenções mais efetivas.

Necessita-se, para atingir esse público, que as abordagens escolhidas sejam atrativas para os adolescentes, pois, nos tempos atuais, é visto então o engrandecimento e o reconhecimento das metodologias ativas nos ambientes educacionais, onde todos interagem e são detentores de conhecimentos importantes.¹⁵

Realizaram-se, considerando a relevância da educação em saúde no ambiente escolar, no ano de 2016, oficinas educativas como parte de um projeto de pesquisa, promovido pelo grupo de pesquisas Saúde Mental e Qualidade de vida no Ciclo Vital, do departamento de Enfermagem na UFPE, em duas escolas localizadas na cidade do Recife-PE. Avaliaram-se, como parte do mesmo, ao final de cada oficina, as atividades pelos escolares participantes, e, no final do projeto, foram realizadas entrevistas para avaliar todas as oficinas realizadas e o projeto em geral.

Espera-se, ao analisar qualitativamente as entrevistas a partir da ótica dos alunos, que a comunidade acadêmica e os docentes disponham de informações que contribuirão no aprimoramento de novos projetos e atividades em sala de aula com um melhor embasamento sobre como as metodologias ativas podem ajudar no engrandecimento pessoal, autoconhecimento, interação social e na formação de sujeitos ativos na sociedade. Espera-se também contribuir com a melhoria da atuação da Enfermagem nos diferentes cenários da educação e da assistência.

OBJETIVO

- Avaliar oficinas educativas para a prevenção do uso de drogas na ótica dos adolescentes do Ensino Médio.

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, transversal, que faz parte do projeto “*O Efeito de Intervenções Educativas no Consumo de Substâncias em Estudantes do Ensino Médio*”, que deu origem ao projeto de extensão intitulado “*Cuidando do Futuro: Prevenção de Uso de Drogas para Adolescentes do Ensino Médio*”. Constituiu-se o projeto de extensão por quatro oficinas, e foram realizadas 64 oficinas ao total, com participantes do primeiro ao terceiro anos do Ensino Médio, no ano de 2016, compreendendo o período letivo da escola onde elas foram executadas. Trabalharam-se, na oficina 1, o autoconhecimento e a autopercepção como ser adolescente, com o intuito de favorecer a reflexão sobre suas atitudes frente aos diversos tipos de relacionamentos. Tratou-se, na oficina 2, sobre a saúde, o autoconhecimento e autocuidado, tanto da saúde, de uma forma geral, quanto sobre a saúde sexual e reprodutiva. Abordaram-se, na oficina 3, os temas trabalho e futuro, quais as perspectivas dos escolares e como a escola auxiliava nesse processo. Debateu-se, na oficina 4, a temática de drogas, esclarecendo dúvidas e identificando conhecimentos pré-existentes, e todas as oficinas foram realizadas a partir de metodologias ativas, com o uso de música, cartazes, jogos e rodas de conversa para a discussão do tema proposto, sempre levando em consideração a opinião e o conhecimento pré-existente do adolescente.

Realizou-se a pesquisa em uma Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) de tempo integral localizada da RPA IV de Recife-PE, participante do projeto-mestre. Descreve-se, de acordo com a Secretaria de Educação de Pernambuco (2017), que as EREM de período integral têm carga horária de 45 horas aulas semanais durante cinco dias da semana, sendo as aulas ministradas nos períodos da manhã e da tarde, e, em Recife, há, atualmente, 300 EREM.¹⁶

Consideraram-se, para a amostra, como critérios de inclusão: ter entre dez e 19 anos; participar de, pelo menos, três oficinas e, no caso dos menores de 18 anos, trazer o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo responsável legal. Considerou-se, como critério de exclusão, não estar na escola no momento da coleta dos dados, e, diante disso, participaram da pesquisa todos os 18 alunos que atenderam aos critérios de inclusão. Fez-se, por meio da lista de frequência das oficinas, uma lista com o nome dos adolescentes que se enquadravam nos critérios de inclusão e, a partir daí, realizou-se a busca ativa desses na escola para a entrevista.

Utilizou-se, como instrumento de coleta de dados, um questionário pré-estruturado contendo oito perguntas norteadoras, sendo as perguntas 3, 4, 5 e 6 consideradas perguntas de “manga”, que auxiliam na entrevista, caso o participante desse respostas pouco esclarecedoras à pergunta anterior. Seguem-se as perguntas:

- 1- Você lembra das oficinas que foram realizadas na escola? Pode listar?;
- 2- O que você achou das oficinas realizadas na escola?;
- 3- Qual a oficina que você mais gostou de ter participado? Por quê?;
- 4- Qual a atividade que você achou mais interessante? Por quê?;
- 5- As oficinas contribuíram, de alguma forma, na sua vida? Fale sobre;
- 6- Você aprendeu algo com as oficinas que participou? Fale sobre;
- 7- Você não gostou de algo nas oficinas?;
- 8- Qual tema que você gostaria que fosse mais explorado em outros momentos?

Convidaram-se os alunos participantes das oficinas a conceder as entrevistas para a avaliação. Armazenaram-se as falas por meio da gravação dos áudios devidamente autorizados, por um dispositivo de gravação, em um local privado indicado pela gestão escolar, em horários convenientes para os alunos, com a presença apenas do entrevistador e do entrevistado. Informa-se que a biblioteca foi o local fornecido pela escola, e cada aluno, separadamente, foi levado à mesma para a realização da entrevista.

Empregou-se, para a análise textual dos áudios, o software IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), desenvolvido por Pierre Ratinaud, que permite diferentes formas de análises estatísticas sobre o *corpus* textual e as tabelas de indivíduos por palavras. Viabilizam-se, pelo Iramuteq, cinco tipos de análises, dentre elas: estatísticas textuais clássicas; pesquisa de especificidades de grupos; classificação hierárquica descendente; análises de similitude e nuvem de palavras. Explica-se que o Iramuteq é

um *software* e, por isso, não é considerado um método de análise, mas sim uma ferramenta auxiliadora no processamento dos dados. Quantificam-se as palavras quanto à sua frequência, submetendo-as a cálculos estatísticos, e o tipo de processamento dos dados que foi utilizado são o método da classificação hierárquica descendente (CHD) e a nuvem de palavras.¹⁸

Classificam-se, na CHD, os segmentos de texto em função dos seus vocabulários. Geram-se classes de segmentos de texto e, a partir daí, o *software* organiza os dados em um dendograma, que irá ilustrar as relações das classes e permitir uma contextualização do vocabulário de cada classe; já a nuvem de palavras auxilia a identificar a frequência das palavras para que, posteriormente, o pesquisador sistematize os dados para a discussão.¹⁹⁻²¹ Optou-se, para uma melhor análise teórica, pela junção de classes de acordo com o tronco em comum visto no dendograma gerado, já que, por elas surgirem de um mesmo tronco, isso demonstrava similitude na temática (palavras, verbos e adjetivos).

Seguiram-se, no desenvolvimento do estudo, as diretrizes da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as normas aplicadas a pesquisas que envolvem, direta ou indiretamente, seres humanos, com o registro do comitê de ética sob o número 60159316.5.0000.5208.

Esclarece-se que, para participar da pesquisa, os estudantes trouxeram assinado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), e o responsável legal pelos menores de 18 anos

assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Classificaram-se os alunos participantes com a identificação “aluno” seguida pela sequência das entrevistas com os números de 1 a 18.

RESULTADOS

Entrevistaram-se 18 alunos, dos quais 14 (77,7%) eram do sexo feminino e quatro (22,2%), do sexo masculino, com idades de 15 a 19 anos, e foram entrevistados alunos do primeiro e terceiro ano do Ensino Médio. Observaram-se, após a transcrição, seis classes com 111 segmentos de texto e 3922 ocorrências de palavras com 789 formas distintas. Dividiu-se o *corpus* em 89 unidades de contexto elementares e, destas, 111 (80,18%) foram equiparadas por meio de classificações hierárquicas descendentes, indicando o grau de semelhança das seis classes resultantes. Agruparam-se, para uma melhor discussão, as seis classes em duas categorias, de acordo com o tronco comum que elas possuem. Juntaram-se as classes dois e seis, que tratavam da operacionalização das atividades e das críticas feitas pelos alunos, nomeando-a “O que a gente achou: avaliação da metodologia”, e as classes um, três, quatro e cinco, que trataram do conteúdo das atividades e da forma como as atividades foram abordadas e realizadas, nomeando-a “O que a gente quer saber: avaliação dos conteúdos abordados”.

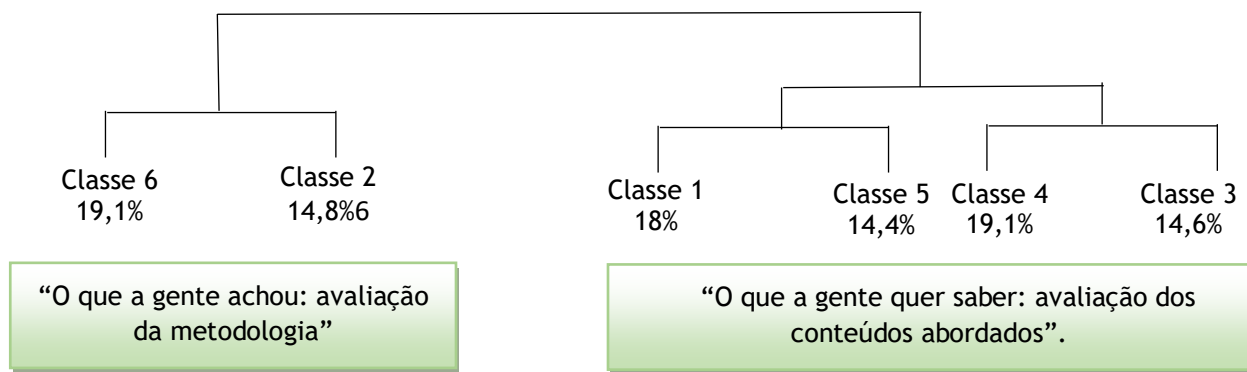


Figura 1. Dendograma. Recife (PE), Brasil, 2017.

Mostram-se na figura 2 as principais palavras utilizadas nas associações do IRAMUTEQ com relação a cada classe gerada.

Classes	Exemplos de palavras relacionadas
Classe 1	Escola, droga, aluno, dever, amigo, conhecimento
Classe 2	Desenhar, conversar, corpo, deitar, chão, legal, humano, música
Classe 3	Errado, ajudar, certo, amizade, problema, pensar, mente, desenho, vida, corpo
Classe 4	Gostar, aprender, refletir, pensar, oficina, dinâmica, vida, sexualidade, tema
Classe 5	Saber, aprender, mundo, querer, brincar
Classe 6	Estourar, Depois, Lembrar, Deixar, Sair, Pé, Interessante, Atividade, Agora, Gente

Figura 2. Lista de classes e exemplos de palavras relacionadas a cada categoria. Recife (PE), Brasil, 2017.

◆ Análise Interpretativa: oficinas educativas na ótica dos alunos

“O que a gente achou: avaliação da metodologia”

Escolheu-se, pelo tronco em comum que as classes apresentavam, por discutirem duas classes, 2 e 6, em uma mesma categoria. Ressaltaram-se, após análise e interpretação do contexto da entrevista, as críticas que os alunos tiveram sobre as oficinas educativas. Ilustra-se melhor, por meio de algumas falas, o que foi expressado pelos alunos.

[...] lembro de nada que eu não gostei, tudo foi de acordo ao meu favor, ela soube escutar e também soube responder às perguntas. (Aluno 2)

[...] a oficina que eu mais gostei foi a de jogos porque eu tenho esse meu lado mais competitivo. Eu pude aprender coisas novas. Eu achei mais interessante a oficina de deitar no chão e conhecer as partes do corpo, refletir sobre você. (Aluno 3)

[...] ela fez uma oficina que nunca tinha feito aqui, desse jeito, que, geralmente, tem palestra alguma coisa assim, aula, mas não com oficina pra aprender se divertindo. (Aluno 15)

Discutiram-se também os temas propostos nas atividades, por terem incitado o pensamento crítico, e, em todas as oficinas, houve momentos de reflexão, onde era pedido, aos alunos, que refletissem sobre a vida que eles estavam levando, sobre os relacionamentos que estavam sendo construídos e o quanto isso influenciava nas escolhas de vida, sobre desejos para o futuro, perspectivas de trabalho, sobre o corpo e suas mudanças ao longo da adolescência, dentre outros.

[...] teve uma que deitou no chão e ela pediu pra ir conhecendo o corpo, eu fui pensando: antes eu não conhecia meu corpo do jeito que eu conheci naquela oficina. Ah, quando ela pediu pra refletir, foi que eu parei pra pensar no que eu estava fazendo; não estava adiantando de nada, e eu comecei uma nova história, uma nova vida. (Aluno 12)

[...] eu acho que foi bom, eu gostei muito, contribui no dia a dia, assim, com meus amigos, eu aprendi que tem que escutar o outro, que tem muito esse negócio de respeito com o outro. (Aluno 13)

[...] a que estourou a bola pra responder perguntas, que fez a gente aprender mais algumas coisas que é do dia a dia, mas que nem damos importância, faz fortalecer mais o conhecimento. (Aluno 16)

“O que a gente quer saber: avaliação dos conteúdos abordados”

Agruparam-se, nessa categoria, as classes 1, 3, 4 e 5, pela similitude do tronco comum. Observaram-se os comentários e as críticas sobre os conteúdos abordados e a abordagem adotada nas oficinas. Demonstrou-se, durante a

interpretação e contextualização, que alguns temas foram pertinentes nas críticas dos alunos.

[...] eu acredito que drogas porque eu pretendo fazer filhos e, tipo, na escola, que é o lugar do povo, ele tem que ter um conhecimento sobre aquilo, e que na escola não fala muito sobre a droga porque eu não sei se é ilegal. Deveria ser como se fosse um conselho de escola: “olha, droga é isso e isso, pode causar isso e isso”, e na escola não tem. Parece ilegal esse assunto ser tocado na escola. (Aluno 2)

[...] foi a das drogas, falou muito de algumas drogas, explicou elas que não sabíamos tanto, e ela aprofundou, né, porque a gente só sabia o básico. (Aluno 6)

[...] falar sobre droga. Não só drogas, assim, que são proibidas, mas remédios também; isso é muito importante, muita coisa que devo valorizar tanto a mim tanto a minha família e amigos. (Aluno 11)

Entende-se que o tema drogas foi um dos que surgiram como necessidade de ser mais comentado em futuras atividades e que, durante as oficinas, foi bem aproveitado pelos alunos para discutir e tirar dúvidas.

Destacaram-se a sexualidade e o conhecimento do corpo com outros temas.

[...] acho que foi a do corpo. Eu nunca tinha imaginado fazer uma atividade daquela, tipo, você desenhar seu corpo e ir procurando alguns defeitos na cabeça, nos membros, que nunca tinha passado pela minha cabeça refletir sobre isso ou fazer algo do tipo. (Aluno 5)

[...] a sexualidade é um tema que não é muito discutido. É difícil o povo falar, sei lá, vergonha, e os adolescentes têm muita dúvida disso e têm vergonha. A família não fala sobre isso. Muitas vezes, outras falam, mas outras não. Tem vergonha e o adolescente é o que tem mais pergunta a fazer e não tem uma pessoa pra responder a ele ou até mesmo um amigo, uma amiga, que eles vão perguntar, não explica de uma forma correta e isso pode prejudicar eles. (Aluno 6)

[...] a do desenho que a gente se desenhou, desenhou o corpo num papel que pudemos dizer o que não gostávamos no nosso corpo e pudemos conversar com ela e ela pôde explicar algumas coisas que a gente tinha dúvida. (Aluno 16)

Identificou-se, pelas falas, também, a necessidade da continuação das atividades.

[...] porque durou pouco tempo, eu gostaria que durasse mais, assim, poderíamos aprender mais um pouquinho sobre tudo de todos os temas. (Aluno 11)

Nos discursos, a palavra *não* se remetia, na maioria das vezes, às conclusões que os jovens tiraram das oficinas e à justificativa. Seguem-se exemplos.

[...] o fato de refletir sobre a vida, no fato de não desistir quando vir adversidades na nossa frente e continuar sempre lutando. (Aluno 1)

[...] são coisas que não ensinam no mundo lá fora e eu aprendi aqui dentro. Lembro que nada que eu não gostei, tudo foi de acordo ao meu favor. (Aluno 2)

[...] ensinou que é ruim usar drogas e até porque eu não usava, sabe; aí, mas fortaleceu mais pra que eu não usasse, abriu mais meus olhos. (Aluno 3)

Percebe-se que a palavra *mais* apareceu no sentido de acrescentar, e os adolescentes expressaram o quanto as oficinas educativas acrescentaram conhecimento a eles.

[...] ah falou a sobre a droga lícita, também falou sobre o corpo, as partes, falou também da nossa escola também, então, foi coisas que nos despertaram mais pra vida, pra enxergar de uma forma melhor. (Aluno 6)

[...] deu pra escutar a realidade, que a gente tem que ser mais adaptado com as pessoas. No meu amadurecimento, no dia a dia. A me livrar de várias coisas que influencia na vida, tipo: me livrar das drogas, da bebida. (Aluno 10)

DISCUSSÃO

Identificam-se, diante das falas, as críticas positivas feitas pelos adolescentes, afirmando que as oficinas educativas serviram como uma nova forma de aprendizado, mais descontraído, de forma lúdica, espontânea, conseqüentemente, criando um espaço aberto para novas discussões e um melhor entrosamento entre os próprios alunos.

Observa-se que oficinas que trazem um material atípico daquele utilizado pelas escolas, como jogos e ilustrações, são avaliadas como ótimas pelos alunos, havendo a sugestão de continuar com esse tipo de atividade na instituição, pois é um momento que abre espaço para a participação ativa dos adolescentes.⁶

Ancora-se esse método de aprendizagem no discurso de Paulo Freire, em que a prática educativa deve servir como um diálogo aberto, com a participação de todos os presentes, e que instigue a reflexão, partindo da realidade, das experiências e vivências dos usuários. Faz-se a ponte, levando para a prática da Enfermagem, em que o enfermeiro é considerado um educador e em que o profissional que está envolvido na atenção básica e que tem acesso a intervenções no espaço escolar deve utilizar dessas metodologias para aprimorar suas ações.^{4,22}

Verifica-se, pelos discursos, o quanto foi importante gerar esse raciocínio nos adolescentes, pois, nessa fase da vida, muitas vezes, os atos não são pensados e balanceados, gerando, futuramente, alguma conseqüência indesejável. Propiciam-se, pela crise da identidade na adolescência, o aumento da busca pelo novo e a mudança constante de personalidade e necessidades.⁸ Entende-se que a vulnerabilidade do adolescente é um tema complexo e que precisa ser amplamente discutido na sociedade pelas

diversas instâncias e, devido a essa vulnerabilidade educacional, social e política, muitas vezes, esses sujeitos não recebem as informações e a educação essenciais para a construção dos saberes necessários para uma levar uma vida saudável e com diminuição dos fatores de riscos.¹¹

Compreende-se que o fenômeno de consumo de substâncias psicoativas é complexo, e é necessário o aumento dessa discussão nos espaços escolares, articulando programas de saúde e educação. Torna-se nítida a necessidade dessas intervenções nas escolas, pois, como visto nas falas, os adolescentes acabam aprendendo com a utilização no dia a dia (amigos e familiares) e não com profissionais que fornecem informações com maior embasamento científico, tornando os adolescentes cada vez mais vulneráveis ao uso e abuso e aos possíveis problemas e conseqüências, como a evasão escolar, o baixo desempenho escolar e o início na criminalidade.^{5-6,10}

Relaciona-se outro tema trazido pelas falas dos adolescentes com a exploração da sexualidade que, nos tempos atuais, ainda é considerada um tabu, e, por meio do discurso desses sujeitos, é evidente a lacuna deixada pela falta dessa discussão tanto no ambiente escolar quanto em casa. Alerta-se que a escola, como um espaço de aprendizagem, necessita estar apta para abordar esses temas, mas, infelizmente, muitas vezes, a abordagem é superficial ou é um tabu entre os profissionais e não supre as necessidades de discussão e aprendizagem dos alunos. Nota-se que assuntos como DST's, uso correto dos métodos contraceptivos, ciclo menstrual feminino e fisiologias feminina e masculina são assuntos extremamente importantes durante essa fase, entretanto, ainda pouco abordados, e as conseqüências são vistas a curto prazo, como gravidez indesejada e disseminação de DST's.⁸ Vê-se, nesse sentido, a importância da integração de programas de saúde como a Estratégia de Saúde da Família (ESF) e o Programa Saúde na Escola (PSE), no ambiente escolar, pois esses contam com profissionais capacitados, como o enfermeiro, para abordar tais temas com os adolescentes. Torna-se o entrosamento entre saúde e educação essencial para promover uma qualidade de vida sexual aos adolescentes de forma libertária.²²

Apresentou-se a metodologia ativa adotada como um excelente instrumento de promoção da saúde do adolescente e de crítica pessoal, sempre se empenhando em dar, ao sujeito, autonomia na sua busca de uma melhoria da qualidade de vida. Viu-se a metodologia ativa como favorecedora da interação dos participantes e dos realizadores, abrindo um espaço para dúvidas, discussões e educação dialogada.

Deve-se a educação em saúde ser singular, levando em consideração o contexto, crenças,

autonomia e vivências de cada comunidade, pois é um processo permanente, que vai se adequando às necessidades da população, levando em conta suas potencialidades e saberes, e o papel do profissional atuante nesse espaço é de instigar o adolescente a repensar suas atitudes, por meio do diálogo e da educação compartilhada, ensinar o que sabe sobre os temas que surgirem e, desse modo, promover saúde.²²

CONCLUSÃO

Averiguou-se que os adolescentes da rede pública escolar entrevistados ainda vivenciam uma vulnerabilidade social, educacional e política considerável e, devido a isso, assuntos e questões importantes sobre as mudanças dessa fase da vida formam uma lacuna que demanda ser preenchida por um profissional durante a fase escolar.

Compreenderam-se, por meio das análises das entrevistas, as críticas dos adolescentes em relação à forma como as oficinas foram feitas e os temas, discutidos, mas todas as críticas foram positivas e giraram em torno da percepção do quanto esse momento e espaço oferecidos pelas oficinas foram enriquecedores para os adolescentes. Relataram-se momentos lúdicos que possibilitaram um autoconhecimento e autorreflexão e, também, um espaço aberto e sem julgamentos para a discussão, aprendizado e desmistificação de temas pouco ou nunca explorados na escola (como drogas e sexualidade), por meio de dinâmicas diferentes daquelas já propostas e instituídas na rede de ensino.

Conclui-se que ainda são necessários muita discussão e muito empenho dos profissionais que estão na ponta do serviço para se dispor a realizar metodologias ativas em seus locais de atuação, que o sistema seja mais maleável com seus atores para que as mudanças e os avanços possam acontecer, e que essas mudanças possam chegar até os adolescentes que mais precisam das informações, que são os que estão nas escolas públicas e que moram na periferia.

FINANCIAMENTO

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Processo nº423475/2016-9

REFERÊNCIAS

1. Vicuña JR. La salud del adolescente y el joven em las Américas. Bol of Sanit Panam [Internet]. 1977 [cited 2018 Aug 10];83(4):295-309. Available from: <http://iris.paho.org/xmlui/bitstream/handle/123456789/17468/v83n4p295.pdf?sequence=1>
2. Constantine NA, Jerman P, Berglas NF, Angulo-Olaiz F, Chou CP, Rohrbacj LA. Short-term effects of a rights-based sexuality education curriculum for high-school students: a cluster-randomized

- trial. BMC Public Health. 2015 Mar;15:293. DOI: [10.1186/s12889-015-1625-5](https://doi.org/10.1186/s12889-015-1625-5)
3. Higa EFR, Bertolin FH, Maringolo LF, Ribeiro TFSA, Ferreira LHK, Oliveira VASC. Intersectorality as a strategy for promoting adolescent sexual and reproductive health. Interface comum saúde educ. 2015;19(Suppl 1):879-91. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0751>
4. Carney T, Myers BJ, Louw J, Okwundu CI. Brief school-based interventions and behavioural outcomes for substance-using adolescents. Cochrane database syst rev. 2016 Jan;20(1):CD008969. DOI: [10.1002/14651858.CD008969.pub3](https://doi.org/10.1002/14651858.CD008969.pub3)
5. Faria Filho EA, Queiros PS, Medeiros M, Rosso CFW, Souza MM. Perceptions of adolescent students about drugs. Rev Bras Enferm. 2015 May/June;68(3):517-23. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680320i>
6. Silva R. When school operates in the awareness of young teenagers in the fight against STDs. Educ rev. 2015 July/Sept;57:221-38. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.41170>
7. Li C, Cheng Z, Wu T, Liang X, Gaoshan J, Li L, Hong P, Tang K. The relationships of school-based sexuality education, sexual knowledge and sexual behaviors—a study of 18,000 Chinese college students. Reprod health. 2017 Aug;14(1):103. DOI: <http://dx.doi.org/10.1186/s12978-017-0368-4>
8. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlate. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente, e dá outras providências. Diário Oficial da União [Internet]. 1990 July 13 [cited 2018 July 13]. Available from: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>
9. Yap MBH, Cheong TWK, Zaravinos-Tsakos F, Lubman DI, Jorn AF. Modifiable parenting factors associated with adolescent alcohol misuse: a systematic review and meta-analysis of longitudinal studies. Adicción. 2017 July;112(7):1142-62. DOI: [10.1111/add.13785](https://doi.org/10.1111/add.13785)
10. Neves KC, Teixeira MLO, Ferreira MA. Factors and motivation for the consumption of alcoholic beverages in adolescence. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2015 Apr/June;19(2):286-91. DOI: [10.5935/1414-8145.20150038](https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150038)
11. Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde;2009 [cited 2018 Sept 9]. Available from: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_24.pdf
12. Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Assistência à Saúde, Coordenação de Saúde da Comunidade. Saúde da Família: uma estratégia para a reorientação do modelo assistencial

[Internet]. Brasília: Ministério da Saúde;1997 [cited 2018 Sept 19]. Available from <https://pt.slideshare.net/institutoconscienciago/sade-da-familia-uma-estrategia-para-a-reorientaodo-modelo-assistencial>

13. Silva KVLG, Gonçalves GAA, Santos SB, Machado MFAS, Rebouças CBA, Silva VM, *et al.* Training of adolescent multipliers from the perspective of health promotion core competencies. *Rev Bras Enferm.* 2018 Jan/Feb;71(1):89-96. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0532>

14. Nasheeda A, Abdulah HB, Krauss SE, Ahmed NB. A narrative systematic review of life skills education: effectiveness, research gaps and priorities. *Int J Adolesc Youth.* 2018 May. DOI:

<https://doi.org/10.1080/02673843.2018.1479278>

15. Brighente MF, Mesquida P. Paulo Freire: from denunciation of a banking education to the announcement of a liberating pedagogy. *Proposições.* 2016 Jan/Apr;27(1):155-77. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201607909>

16. Pernambuco (Estado), Secretaria da Educação. Educação integral? [Internet]. Recife: Secretaria da Educação de Pernambuco;2017 [cited 2018 Sept 10]. Available from

<http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=70>

17. Pernambuco (Estado), Secretaria da Educação, Sistema de Informações da Educação de Pernambuco. Escola Referência em Ensino Médio Martins Júnior [Internet]. Recife: SIEPE;2017 [cited 2018 Nov 15]. Available from:

<http://www.siepe.educacao.pe.gov.br/MapaCoordenadoria/detEscola.do?codUnidade=606007>

18. Souza MAR, Wall ML, Thuler ACMC, Lowen IMV, Peres AM. The use of IRAMUTEQ software for data analysis in qualitative research. *Rev Esc Enferm USP.* 2018 Oct;52:e03353. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2017015003353>

19. Moimaz SAS, Amaral MA, Miotto AMM, Costa ICC, Garbin CAS. Quality analysis of breast feeding by soft ware iramuteq. *Saúde Pesqui.* 2016 Sept/Dec;9(3):567-77. DOI:

[10.17765/1983-1870.2016v9n3p567-577](https://doi.org/10.17765/1983-1870.2016v9n3p567-577)

20. Kami MTM, Larocca LM, Chaves MMN, Lowen IMV, Souza VMP, Goto DYN. Working in the street clinic: use of IRAMUTEQ software on the support of qualitative research. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2016 June;20(3):e20160069. DOI:

<http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20160069>.

21. Ramos CFV, Araruna RC, Lima CMF, Santana CLA, Tanaka LH. Education practices: research-action with nurses of Family Health Strategy. *Rev Bras Enferm.* 2018 May/June;71(3):1144-51. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0284>

Submissão: 25/01/2019

Aceito: 12/05/2019

Publicado: 04/08/2019

Correspondência

Ana Luzia Medeiros Araújo da Silva

E-mail: tais.lins@outlook.com



Esta obra é licenciada sob Atribuição CC BY 4.0 [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) sendo permitida a reprodução parcial ou total desde que mencionada a fonte.